

As Ruínas do Infindável

— TAYNÁ BAUER —

intransitiva
• revista

LUGARES QUE NOS HABITAM (V. 8, N.1, 2024)

As Ruínas do Infindável

Tayná Bauer

Um quadrado manchado, sem fundo, como uma tela transparente pintada com restos do passado. Eu olhava para aquele pedaço de vidro, envolto por uma rígida e velha moldura tingida com lascas de tinta bordô e, sem desviar o olhar, concentrava todas minhas forças para focar na sujeira. Tentava entender como o tempo se impregnou na janela, naquela parcela de vidro que só me mostrava um borrão com misturas de verde, amarelo, marrom, das árvores que se arregaçavam com o vento lá fora e, contra a luz do exterior, evidenciava mais ainda as manchas de sujeira. Tentava, na minha imaginação, acompanhar os rastros do aglomerado de partículas que o vidro deixara dormir silenciosamente ao redor de si. Pensava, coçando a cabeça com as pontas dos dedos, nas vidas prolongadas naquele bloco transparente.

A janela ficava no sótão, que um dia tivera vida. Sei que já fora limpo, minha mãe me contou que quando era jovem dormia em um dos quartos de cima. Mas hoje é resto de sujeira, resto de lembrança, resto de tempo. Fora vida. Primeiro via a poeira preta espalhada nas bordas do vidro, colada, abraçada, incrustada, que parecia se dissolver até chegar no centro daquele pedaço da janela. Não se soltava mais, a minha impressão é que nem água resolveria. Depois, conseguia ver um amontoado de sujeira indistinguível. Me perguntava o que teria nessa mistura de tudo o que o vento carregava, de fora para dentro, de dentro para fora. O ar que as árvores sopravam levava pólen, cisco, folha, terra; o ar que as bocas de minha mãe, minha tia e meus avós soltavam, levavam saliva, guerra, paixão, saudade. O que possuía o vidro não seria saudade? Quase tive certeza de que era quando vi marcas de dedos, como se tivessem escorregado as digitais que apareciam falhadas sobre a janela. Dedo da minha avó, que se foi há quase 17 anos? Dedo do meu avô que se foi há um ano? Da minha mãe ou minha tia que não conheci quando eram crianças? Tenho saudade do que não conheço.

A luz do sol que vinha de fora e se movimentava em compasso com a dança das árvores, fazia as marcas de mão reluzirem. Meus olhos brilha-

vam, quase vibravam, enquanto encaravam aquela mistura de tempos. Sei que era irrelevante lutar contra a verdade que se escondia na transparência da janela. Mas pensar em tudo o que aquele pequeno pedaço de nada me trazia, fazia com que meu corpo inteiro se sacudisse. Não era em vão, a reação. Era quase como uma lâmina de vidro de um microscópio, para olhar o passado daquela casa. Se eu pudesse entender por que o passado me assusta tanto, talvez mais que o futuro incerto. Se bem que, pensava, naquele momento, mesmo que registrado em pequenos resquícios de sujeira, eu desconhecia o tempo que passou. Traçava uma rota que não existira. Mas só ao imaginar que as digitais misturadas às manchas poderiam ser dos meus avós, era inelutável, me emocionava.



Afagar com os olhos uma mancha deixada pelo passado, que continuava a se arrastar, era como admirar as pinceladas, os vestígios de uma pintura. Incomodava e, ao mesmo tempo, surpreendia. Me perguntava, então, a distância que me separava da pessoa que passara os dedos no vidro. Foi para abrir a janela? Para fechar? Por um bom tempo fiquei me indagando sobre as circunstâncias daquela mancha. Será que no meio do aglomerado de sujeira eu poderia encontrar um pingote de saliva da minha avó? Evaporou junto com ela, contudo. Sabia que ali minha cabeça criava fantasmas. Criava a inexistência, ainda que baseada na existência de

vestígios. Era mais uma pintura do que um microscópio. Ou ainda poderia dizer que aquela janela era um microscópio de fantasmas. Um passado que foi sepultado com a sujeira.

Estava em combustão, em um estado frenético do pensamento humano. Encarava o quadrado e não me saciava. Criava, inventava, sentia. É como viver o despertar. Nos primeiros minutos após acordar, permaneço mais

dentro de mim do que no mundo. Deve ser um dos únicos momentos do dia em que não me sinto desfragmentada. Abro os olhos, vejo o que está ao redor, mas não ligo, permaneço me sentindo. Estico as pernas, os pés, os braços, e é tudo o que importa. Ao ambiente, fico neutra. Depois inevitavelmente me doo ao mundo. É a partir do instante em que meus fragmentos se espalham por fora do meu corpo e se quebram ao redor de mim, que me desperto e penso. Então penso em excesso. Sento no sofá e olho para cima, não vejo um teto ou uma parede, entro em uma ficção maior do que a realidade: ali meus pensamentos voam, se chocam, dançam, extravasam. Profundamente acordada e, no entanto, sonhando.

Eu encarava o quadrado sujo e criava. Narrava encenações da minha avó conversando com as filhas, discutindo com o marido. Minha cabeça rodopiava naquele pequeno quarto velho, cheirando a poeira e mofo. Diante das paredes de madeira, apodrecidas em alguns cantos, remontava memórias irreais. Bom, lembranças sempre são peças de um passado reinventado no presente incerto. O cheiro, contudo, de alguma forma me levava à infância. Talvez, com essa sensação nas mãos, tentava reconstruir uma memória. Dentro de mim, era um quarto escuro, onde apenas o cheiro aparecia. Desde que nasci o sótão era velho, então sempre teve esse odor empoeirado. Os livros, revistas, jornais esparramados nas prateleiras, tinham as páginas sujas, manchadas, esburacadas. A coberta estendida na cama, ainda com um leve aroma perfumado, soltava pó junto ao impulso de uma sentada brusca. Era tudo velho, mesmo quando, para mim, foi novo. O cheiro, dessa forma, me levava muito além de um passado que conheci e vivi. Poderia construir, junto às janelas sujas, uma narrativa antiga e aconchegante. Embora desgastado e deserto, o quarto me abraçava.

Era hora, contudo, de me soltar do quarto. Lentamente tirava meus braços daquele abraço, deslizava-os pelas paredes, pelo corpo gelado e impuro. Arrastava meus pés pelas madeiras do chão, derramando sujeiras novas sobre as velhas. Mas era a última vez, o último abraço, a última lembrança. Tentava respirar fundo, incorporar em mim todo o cheiro do recinto. Desejava guardar todos os silêncios criados pelos ruídos do chão de madeira. Insistia em olhar para o vidro manchado da janela, fixá-lo em minha visão. Nosso corpo tem memória. É como um diário das sensações, desde nossa primeira lágrima. Forçava-me, forçava meu corpo, a registrar cada migalha de poeira do sótão. No meu último olhar para a janela, vi, lá embaixo, minha mãe acenando.

Encostei no trinco desgastado e fechei a porta. Enquanto olhava para os meus pés, que cuidadosamente pisavam nos degraus daquela escada íngreme, segurava as lágrimas na borda dos olhos. Deixava um pedaço de mim e levava um pedaço daquele lugar em meu corpo. O coração apertado me sufocava. Sabia que nunca mais veria ou tocaria nos objetos, nas paredes, no trinco. Sabia que, ao seu modo, a vida tomaria conta do velho quarto. Formigas, cupins, galhos, poeira, fim. O concreto ruía, mas dentro de mim ainda havia, ainda há.

Semanas depois, deslizava minhas mãos agitadas sobre caixas velhas no meu quarto. Duas ou três aranhas correram quando abri a tampa da caixa maior. Fiquei mirando meus olhos para os passos dos insetos, me demorando na corrida de sobrevivência, sentindo pena. Algo estranho, entretanto, acontecia comigo. Uma sensação leve e profunda tomava todo meu corpo. Virei a cabeça para a caixa e vi panos e lenços velhos. Olhei um por um, os agitei no ar enquanto me agitava por dentro. Eram objetos que eu não usava mais, estavam sendo consumidos pela escuridão da prisão do papelão. Meu coração tremia, me espantava, gritava sem que eu o ouvisse. Percebi, então, que os trapos não me diziam nada. Era o cheiro que me consumia. Estava sendo intoxicada pelo aroma do passado, da poeira, do mofo, de algum perfume azedo que se misturava ao tecido. Lutava com a minha memória: não queria que a sensação morresse ali. O odor fugia, mas retornava. Era o cheiro do quarto, daquele quarto. O tempo se comprimia e eu estava novamente encarando a janela. Reminiscências suspensas no ar como fantasmas. Sentia meus avós, minha mãe. O quarto virou meu corpo. Revivia mais uma vez, eu e aquele lugar. Desde que fechei a porta, nos tornamos um só. E tudo recomeçava...

Sobre a autora

Tayná Bauer é graduanda de Letras - Português na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realiza pesquisa acadêmica na área de Teoria Literária e produz pinturas em aquarela. Seu e-mail para contato é tayna.bauer10@gmail.com.